

# ÍNDICE

Agradecimentos.....	11
Prefácio.....	15
Introdução.....	19

## *Capítulo I*

### A ANTIGA CULTURA DA DEUSA

A Importância do Género da Divindade.....	31
A Antiga Cultura da Deusa.....	33
O Sistema Social em que Vivemos.....	34
As Mulheres como Criadoras de Civilização.....	35
O Tempo Cíclico da Deusa.....	36

## *Capítulo II*

### SEPARANDO AS BRUMAS

E em Portugal, Onde está a Deusa?.....	43
Encontrar o Norte.....	45
A Cultura do Arco Atlântico.....	46
Celtas Somos Nós.....	47
A Nossa Dimensão Sobrenatural.....	48
As Nove Hespérides.....	50
As Brumas do Jardim das Hespérides.....	53
O Mistério das Nove Irmãs.....	54
Musas da Profecia.....	56
Consciências Estelares.....	57
O Acesso ao Jardim das Hespérides.....	58

## *Capítulo III*

### A RODA DO ANO DA DEUSA CALE DO JARDIM DAS HESPÉRIDES

Roda do Ano de Cale.....	62
Roda das Nove Irmãs das Hespérides.....	63

### *SAMHAIN – Morte, Transformação e Renascimento*

A Energia do Momento.....	67
Cale, a Anciã.....	68
Atégina, Ataecina.....	70
A Deusa dos Olhos de Coruja.....	72
As Águas Primordiais de Atégina, Ataecina.....	74

Senhora do Rio da Morte e do Esquecimento .....	75
Baubau, Baubo .....	77
A Sacralidade da Vulva .....	78
Baubo na Roda do Ano de Cale do Jardim das Hespérides .....	79
A Mulher de Branco .....	80
A Bruxa .....	82
Liberata, a Hespéride Anciã .....	83
O Conhecimento da Morte .....	85
A nossa História Familiar .....	85
Celebrar o Samhain.....	86

#### *YULE – O Solstício de Inverno*

A Energia do Momento.....	91
Cale do Ar.....	92
Ana, Dana .....	94
A Senhora da Pedra.....	94
A Senhora dos Ossos.....	96
A Senhora das Estrelas.....	97
Germana, a Hespéride do Ar.....	98
Aprofundar a Espiritualidade.....	99
Algumas Ilusões do Caminho Espiritual .....	101
Criar Espaço Sagrado.....	102
Aprender a Confiar na Deusa.....	103
O Legado de Dalila Pereira da Costa.....	105
As Mouras Encantadas, Antepassadas Míticas da nossa Tradição.....	106
Pedras que Ligam a Terra e o Céu.....	108
Celebrar o Yule.....	109
Natal, o que Resta duma Tradição Pagã.....	111

#### *IMBOLC – A Vivificação*

A Energia do Momento.....	115
Cale, a Donzela .....	117
O Arquétipo da Menina.....	118
Brígida.....	120
O Mistério de Iria-Brígida.....	121
Lugares Sagrados do Imbolc .....	126
Eufémia, a Hespéride Donzela .....	130
Celebrar o Imbolc.....	132
Artes de Brígida.....	133
Curar a Linguagem .....	135

#### *OSTARA – O Equinócio da Primavera*

A Energia do Momento.....	139
Cale do Fogo.....	140
As Deusas Solares .....	142
Aurora .....	143
Trebaruna .....	144
Artemis, Artemisa.....	145
Os Lugares da Mãe Urso.....	147

Drusuna.....	148
Sul, Sol, Sulis .....	149
Marciana, a Hespéride do Fogo .....	151
A Donzela Exploradora .....	152
A Sombra da Donzela .....	154
Os Vários Tipos de Fogo.....	155
O Fogo da Mente.....	156
A Chama do Jardim das Hespérides.....	157
Celebrar Ostara.....	161
Cerimónias do Fogo.....	163

#### BELTANE – *O Festival da Deusa Amante*

A Energia do Momento.....	167
Cale, a Amante.....	168
Icona Loimina .....	170
Helena dos Caminhos.....	172
A Senhora das Flores.....	177
Genivera, a Hespéride Amante .....	177
Honar a Amante em Nós.....	180
O Sagrado Portal da Beleza.....	181
A Tenda Vermelha.....	183
Celebrar Beltane .....	185

#### LITHA – *O Solstício de Verão*

A Energia do Momento.....	191
Cale da Água .....	192
Tétis.....	194
Nábia .....	196
Bovinda-Sequana.....	197
Maria.....	197
Deusas Lunares .....	198
Cynthia, Deusa do Monte da Lua .....	199
Diana, Jana.....	201
Marinha, a Hespéride da Água .....	201
A Memória da Água.....	204
As Águas Sagradas de Avalon .....	205
O Sacerdócio das Águas .....	208
As Águas que nos Unem .....	210
Honar as Emoções .....	212
Celebrar Litha.....	214
O Espelho de Água.....	216
Plantas e Frutos da Deusa.....	217
O Cálice.....	218
A Tenda Azul das Emoções.....	219

#### LAMMAS – *A Mãe da Abundância*

A Energia do Momento.....	223
Cale, a Mãe .....	224
Onde está a Mãe? .....	226

Caria.....	228
Broénea.....	228
A Senhora do Ó e a Senhora do Leite.....	229
A Senhora do Monte.....	230
A Senhora do Fetal.....	230
Bazília, a Hespéride Mãe.....	231
O Sacrifício da Mãe.....	233
A Grande Criadora.....	236
Guardiãs e Protectoras das Sementes.....	238
Declaração sobre a Liberdade das Sementes.....	239
Documentário Acto: Semente ( <i>Seed Act</i> ).....	240
A Abundância.....	241
Um Mundo onde os Valores da Mãe são Centrais.....	243
A Visão Mãemundo.....	244
Celebrar Lammás.....	248

#### MABON – O Equinócio de Outono

A Energia do Momento.....	255
Cale da Terra.....	256
Brigântia.....	258
Arêntia, Arêngia.....	259
Gaia.....	260
Vitória, a Hespéride da Terra.....	260
O Arquétipo da Rainha.....	262
Tempo de Concretização.....	264
O Corpo da Deusa.....	264
A Terra, Um Organismo Vivo Detentor de Direitos.....	267
Uma Nova Relação com o Planeta e com a Vida.....	268
Celebrar Mabon.....	270

#### O CENTRO DA RODA DE CALE

Ibéria.....	275
Cale.....	279
Ophiussa, Ophiussa.....	282
Quitéria, a Hespéride do Centro.....	283
Os Animais Totémicos e Elementos do Centro da Roda.....	286

#### Capítulo IV

#### O TEMPLO DA DEUSA

Um Regresso ao Templo.....	291
Acordar a Sacerdotisa.....	295
O Trabalho duma Sacerdotisa.....	298
O Templo da Deusa Cale do Jardim das Hespérides.....	300
A Formação de Sacerdotisas e de Sacerdotes de Cale do Jardim das Hespérides.....	301
Bibliografia.....	305

Capítulo I

A ANTIGA CULTURA DA DEUSA



*Deusa de Willendorf*  
*Áustria, 24.000 a.C.*

## A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO DA DIVINDADE

*Porquê a Deusa? Acaso precisamos mesmo de outra divindade, de outra religião, de alguma coisa diferente para venerar? Se existe um Deus, não deveria existir também uma Deusa? Não é disso que trata a Criação – as energias masculinas e femininas juntando-se para criarem vida nova? Sem a mulher não pode existir vida nova. Se os seres humanos foram criados à semelhança do Criador, e se existe apenas um Deus masculino, à imagem de quem foram criadas as mulheres? John Bradshaw diz que os filhos observam os pais, seu modelo de comportamento. Se vive numa cultura em que há apenas um Deus masculino e nenhuma Deusa, onde está o modelo para o feminino? Como é que as meninas podem aprender a ser mulheres sem a Deusa?*

AMY SOPHIA MARASHINSKY  
*O Oráculo da Deusa*

Será que o gênero da divindade que cultuamos faz alguma diferença? Perguntam por vezes as pessoas com ares de ingênua surpresa. Claro que faz, quanto mais aprofundo o tema, mais tenho a certeza disso. No seu famoso ensaio *Por que é que as Mulheres Precisam da Deusa*, Carol P. Christ ajuda-nos a perceber a importância da religião numa determinada sociedade, devido ao seu poder de gerar símbolos e de criar mitos e valores. O que acontece na esfera da religião, o tipo de divindade que cultuamos, tal como todos os mitos fundadores que contamos às nossas crianças, acaba por determinar a forma como vivemos as nossas vidas. Vivemos numa sociedade em que se presta culto a um ser celestial agonizante numa cruz, cuja mãe não tem o mesmo estatuto divino do pai. Ora isso reflete a forma como as



mulheres, proibidas de lidar directamente com o sagrado, são vistas pela sociedade, legitimando a sua permanente subalternização em todos os domínios. Assim, é normal que as mulheres se vejam a si mesmas como indignas e inadequadas para exercerem real poder na sociedade, pensando o mesmo em relação às outras mulheres, acabando por sancionar o estado de submissão em que se encontram em relação ao homem, percebido como o único ser com competência real para exercer o poder, uma vez que ele sim foi feito à semelhança da divindade.

Muitas pessoas parecem esquecer-se de que vivemos num mundo onde existem dois géneros principais, e tal como refere a autora Riane Eisler, em *O Cálice e a Espada*, entre eles não existe igualdade nem parceria, mas antes graduação, com o género masculino em posição considerada superior. Os patriarcas têm gozado de liberdade para governar o mundo sozinhos, impondo, muitas vezes pela lei da força, os seus valores. A gravidade do problema é ainda reforçada pelo facto desses valores terem provado, ao longo dos últimos milénios, ir no sentido contrário ao da manutenção da vida no planeta, pela obsessão com o crescimento, a competição, o domínio, a conquista e um profundo desrespeito pela natureza. Na verdade, é bom que separemos os homens em geral do sistema patriarcal, uma vez que está provado que, fora dele, eles se comportam de maneira muito diferente.

Sabemos que outro tipo de cultura existiu no passado, onde o poder era usado de forma muito diversa, não como domínio sobre alguém, mas como responsabilidade, em sociedades sustentáveis que por milénios viveram em harmonia com a natureza, sem constituir, como agora acontece com a nossa civilização, qualquer ameaça para o planeta nem para a manutenção da vida. Estudar as antigas culturas do Neolítico, tais como a da Creta Minoica, a de Çatal Hüyük na Turquia, a de Jericó na Palestina, a da Velha Europa e as de outras partes do mundo antigo, fornece-nos grande inspiração, uma vez que foram sociedades pacíficas e harmoniosas, que prosperaram por milhares de anos, dominadas por valores femininos, sendo a Deusa central na vida desses povos.



## A ANTIGA CULTURA DA DEUSA

A arqueóloga feminista Marija Gimbutas (1921-1994) encontrou nas suas pesquisas grandes evidências do antigo culto da Deusa na Europa, numa área que designou por Europa Antiga. Segundo ela, uma antiga religião centrada numa divindade feminina havia prosperado, não apenas no Próximo e no Médio Oriente, mas também em plena Europa. Algumas das teorias de Marija Gimbutas sobre a forma como uma cultura matrifocal foi substituída por outra de orientação patriarcal, com a invasão dos Kurgans entre 4.000 e 1.000 a.C., podem não ser consensuais, mas ninguém nega hoje em dia que o género da primeira divindade cultuada pela humanidade foi feminino.

Sabemos com certeza que, pelo menos desde o Neolítico, a religião da Deusa foi dominante, mas é possível que ela já fosse central na vida das nossas antepassadas e dos nossos antepassados desde tempos bem mais remotos, uma vez que, com origem no Paleolítico, há portanto mais de 25.000 anos, diferentes imagens, que os arqueólogos designaram por Vénus, feitas de osso, pedra ou argila, foram encontradas numa extensa área que compreende a França, a Alemanha, a Áustria, a antiga Checoslováquia e a Rússia. Em territórios que vão da França à Sibéria, várias dessas estatuetas da Deusa foram descobertas, atestando que o mesmo tipo de culto duma divindade feminina desempenhou um papel importante na vida dos povos do Paleolítico. Para algumas investigadoras e alguns investigadores, tratar-se-á mais de Mães do Clã do que de Deusas, e outras pessoas, numa tentativa de diminuir a sua importância, referem-se a essas imagens como sendo meros *ídolos de fertilidade*. A verdade, porém, é que o seu número parece ser massivo e que acabamos por ter de nos render à evidência de que as mulheres, enquanto doadoras e sustentadoras da vida, estiveram há milhares de anos no centro da vida espiritual da humanidade. Esta tarefa esteve a cargo das mulheres antes de ser partilhada com os homens e do patriarcado ter posteriormente assumido para si em exclusivo





essa prerrogativa, entendendo a importância central da religião na organização social e a forma como esta servia os seus propósitos de domínio e de controle.

## O SISTEMA SOCIAL EM QUE VIVEMOS

Quando falamos em Patriarcado, referimo-nos ao tipo de cultura e de sociedade em que vivemos, onde são os homens que detêm o poder, o que é evidente numa série de aspectos que vão da política, à economia, passando pela religião. O sistema patriarcal é também patrilinear, herdamos o nosso nome do pai. Nem sempre foi assim, e restos da antiga estrutura social matrifocal, centrada na mãe, subsistem ainda pelo mundo, como é o caso do Povo Mosuo no sul da China. A socióloga Sylvia Walby encontrou seis estruturas sobrepostas que definem o sistema patriarcal, e que assumem diferentes formas em diversas culturas e épocas. Ao nível do estado, as mulheres são detentoras em menor número de poder formal e de representação. No agregado familiar, elas são mais inclinadas a realizar as tarefas domésticas e a cuidar das crianças. No que respeita à violência, as mulheres são mais propensas a serem abusadas, enquanto no aspecto laboral, o trabalho realizado por elas tende a ser menos bem pago do que aquele realizado pelos homens. A sociedade patriarcal também tem tendência a tratar de forma mais negativa a sexualidade feminina, e no que respeita à cultura, as mulheres são pior representadas nos meios de comunicação social e na cultura popular. Como defende Riane Eisler em *O Cálice e a Espada*, o sistema patriarcal é um sistema de dominação, que está na origem da rapina, da conquista, da guerra e da escravatura. Em contrapartida, temos evidências de que nas antigas culturas centradas na mãe, a parceria era norma, nenhum dos géneros dominando o outro.

Carol Christ, entretanto, na primeira parte do seu ensaio *O Patriarcado como Sistema de Dominação Masculina Criado pela*



*Intersecção do Controlo das Mulheres, da Propriedade Privada e da Guerra*, defende que precisamos duma definição de Patriarcado mais completa do que aquela que nos diz tratar-se dum sistema de dominação masculina. Precisamos duma definição que nos ajude de facto a entender todas as implicações deste sistema, injusto para ambos os géneros, mulheres e homens, e nefasto para o planeta, para os seus recursos e para a preservação da vida em geral. Quanto melhor o entendermos, melhor o poderemos pôr em causa e ajudar a substituir por outro mais justo. Para esta teóloga feminista, trata-se dum sistema “ancorado num etos (conjunto de hábitos ou de crenças) de Guerra, que legitima a violência, santificada pelos símbolos religiosos, no qual os homens dominam as mulheres através do controlo da sua sexualidade, com a intenção de legar a propriedade aos herdeiros masculinos, e no qual ainda os homens, heróis de guerra, são instruídos para matarem homens, autorizados a violarem mulheres, a apoderarem-se da terra e das suas riquezas, a explorarem recursos e a apropriarem-se, ou a dominarem por qualquer meio, os povos conquistados”.

## AS MULHERES COMO CRIADORAS DE CIVILIZAÇÃO

*Na Europa Antiga e na antiga Creta, as mulheres eram respeitadas pelo papel que desempenharam na descoberta da agricultura e na invenção das artes da tecelagem e da cerâmica.*

CAROL P. CHRIST

O reconhecimento da importância das mulheres como criadoras de civilização na nossa história humana não para de crescer, especialmente desde que mais e mais mulheres se dedicam à investigação com uma nova perspectiva, que de resto é igualmente partilhada por vários investigadores do género masculino. Tudo indica que os primeiros avanços civilizacionais se devem mais às invenções das mulheres,



doadoras e zeladoras da vida, do que às dos homens, caçadores e recolectores. Foi o seu papel de mães, a sua preocupação com a alimentação e o conforto das crianças que geravam que, em vez de as indisponibilizar para as grandes descobertas e invenções, como creem algumas pessoas, lhes terá pelo contrário fornecido a necessária motivação para as realizarem. Técnicas como a agricultura, a cerâmica e a tecelagem melhoraram a sua função de cuidarem das crianças e das pessoas mais vulneráveis da comunidade, sabendo-se que, como provou a investigadora e autora norte-americana Shelley E. Taylor, nos seus estudos publicados na obra *The Tending Instinct (O Instinto de Cuidar)*, as mulheres são naturalmente dotadas do instinto de cuidar.

A Deusa das origens era, à imagem e semelhança da mulher, Aquela que deu à luz a humanidade e tudo o que existe, Aquela que cuidava de todas e de todos, dos seres humanos e dos animais, das águas e das montanhas, das grutas, das pedras, das árvores, do tempo atmosférico e de todos os elementos da natureza. Todos os seres, todos os aspectos da vida estavam sob a Sua protecção, desde o nascimento à procriação e à morte. Em cada estação, a Sua face e aparência mudavam, uma vez que a terra, a natureza, era vista como o Seu próprio corpo. Ela era uma e muitas, una e múltipla, uma com muitos nomes, diferentes títulos e epítetos, que reflectiam os Seus poderes e capacidades, bem como a energia dos diferentes povos que A celebravam e dos lugares onde era cultuada, onde se erguiam os templos em Sua honra.

## O TEMPO CÍCLICO DA DEUSA

**D**urante milénios a Deusa esteve presente no mundo, Ela foi, como se provou, a primeira divindade que a humanidade cultuou, não restando dúvidas sobre esse facto. Vista como a própria terra, reconhecível nas formas da paisagem, na mudança das estações, na lua crescente e minguante, no sol nascente e poente, no ciclo de plantio,



germinação, florescimento, frutificação, colheita e morte da vegetação, no corpo mutável e nas várias fases e idades da mulher, no espírito do Seu povo. Ela é a Donzela, a Amante, a Mãe, a Rainha e a Anciã que traz a morte e a renovação. Ela relaciona-se não apenas com a Lua, mas também com o Sol, com a Terra e com o Céu e com tudo o que existe. Os oito festivais solares, marcados pelos Solstícios e pelos Equinócios, e pelos pontos intermédios, celebram a glória da Sua natureza. O Seu tempo é cíclico e não linear, e como nunca regressamos exactamente ao mesmo ponto de onde partimos, porque crescemos em consciência, a espiral é por excelência o Seu símbolo. O novo ano da Deusa começa quando o anterior acaba, pois ao morrer a vegetação lança à terra as sementes que trarão a vida de volta à superfície passado o inverno.

Esse momento da morte e de preparação para o renascimento é o Samhain, celebrado a 1 de Novembro, sendo um dos festivais que ainda hoje conservam entre nós muita da importância que tiveram no passado. A vida retira-se para o interior, a antiga forma dissolve-se, o nosso altar veste-se de negro, criamos um altar especial para honrar as pessoas da família que já desencarnaram. No Solstício de Inverno, o dia mais curto do ano, mas em que se anuncia a progressiva duração da claridade, ainda não festejamos propriamente o regresso do sol e da luz, porque o rigor do inverno apenas começou. Embora sem deixarmos de honrar a Mãe Sol, temos consciência de que esse é o momento de sentir a Deusa como a respiração espiritual da terra, sem forma, a Senhora da Pedra, a Senhora dos Ossos, de tudo o que resta depois da morte, lembrando-nos a nossa própria imortalidade e a necessidade de nos centrarmos naquilo que é essencial na nossa vida de seres imortais. Esse é o tempo de sonharmos a vida como a queremos, aproveitando a energia do momento em que a antiga forma se desfaz. O nosso altar veste-se de tons de cinza, do branco do osso, de lilás clarinho, do brilho azulado do gelo. No Imbolc, no início de Fevereiro, a Deusa renasce, e esse é o momento dos novos começos, de celebrarmos o regresso da Deusa Menina, da luz, e por isso a Senhora da Luz é entre nós desde sempre uma das denominações da



Deusa neste momento. Para A homenagear usamos os tons de branco no nosso altar e na roupa que vestimos. No Equinócio da Primavera, entretanto, a Donzela cresceu e é agora a Exploradora, Aquela que abre caminhos com coragem, e é também a Mãe do Fogo, o fogo primordial do signo de Carneiro, a grande Pioneira, que traz o calor suficiente para a germinação e a renovação, sendo por isso o verde, de mistura com o amarelo, ou com o dourado do sol, a cor com que celebramos Ostara. Em Beltane, Ela é a Amante, exibindo por todo o lado a exuberante beleza da floração, fazendo-nos sentir atraentes e atraídas, seres sexuais e magnéticos, celebrando o amor, o acasalamento que cria nova vida, e o vermelho e os tons de rosa fortes são as Suas cores agora. No Solstício de Verão, honramos todas as Suas águas, e por isso o azul e o verde-água são as cores que naturalmente mais nos fascinam neste momento do ano. Celebramos as águas da fertilidade, da purificação, símbolo de todas as emoções; honramos a Deusa como Senhora da Compaixão e como Rainha das profundidades oceânicas, onde teve origem a vida. Segue-se o tempo da Deusa no Seu aspecto Mãe, a Grande Criadora, a Senhora do Grão e da Abundância, a Quem agradecemos por tudo o que recebemos ao longo do ano, como o povo continua a fazer em todas as festas populares, que especialmente em Agosto, têm lugar de norte a sul do território. As Suas searas fornecem-nos a inspiração para a gama de tons com que vestimos agora o Seu altar, os amarelos, o bege, o dourado do sol a que se mistura um pouco do vermelho da papoila, cores que usamos para o altar, mas também nas nossas roupas, oferecendo à Deusa espigas e frutos da colheita, sem esquecer o pão, até porque a designação deste festival, Lammas, tem origem na palavra *massa*. No Equinócio do Outono, celebramos e agradecemos as últimas colheitas, bem como a materialização dos nossos sonhos e projectos. Honramos agora a Deusa no Seu aspecto Rainha, protectora da terra, a Mãe Terra, e por isso vestimo-nos, a nós e ao nosso altar, de cor-de-laranja, de ameixa, de bronze, de castanho e do verde outonal. A partir deste ponto sabemos que a decadência, a queda, o tempo da Grande Ceifadora da Vida, da Deusa Anciã, inexoravelmente se aproxima.



Celebrar a Roda do Ano da Deusa ajuda-nos a viver de forma mais consciente e enraizada, mais presente e em sintonia com a natureza. Pessoalmente, adoro sentir a mudança, as bênçãos de cada uma das estações, criar o meu altar, procurando os itens com que vou honrar cada uma das faces da Deusa, sentindo o significado e a beleza das cores usadas em cada momento, a energia dos Seus animais totémicos, bem como da árvore sagrada de cada festival, árvore que foi uma das primeiras representações da Deusa.

